

AS FAZENDAS CAFEIEIRAS, UM ESTUDO TIPOLÓGICO

Wilian Braz Focca¹, Arthur Zanuti Franklin², Gláucio Luciano Araújo³, Fernanda Cota Trindade⁴

¹Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário UniFacig, Manhuaçu-MG,
focaw@gmail.com

²Doutorando em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário UniFacig/UFV, Manhuaçu-MG,
arthur.zanuti@sempre.unifacig.edu.br/arthur.franklin@ufv.br

³Doutor em Engenharia Agrícola, Centro Universitário UniFacig, Manhuaçu-MG,
glaucio.araujo@sempre.unifacig.edu.br

⁴Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário UniFacig, Manhuaçu-MG,
fer.cota@sempre.unifacig.edu.br

Resumo: As fazendas cafeeiras, principalmente do Sudeste possuíam uma tipologia única, voltada para o beneficiamento do grão. Esse emaranhado produtivo que garantem o beneficiamento e comercialização do grão faz com que estas sejam consideradas patrimônio cultural brasileiro, principalmente pela sua arquitetura e seu modo de fazer. Com isso, o objetivo deste trabalho é apresentar um estudo tipológico das fazendas cafeeiras, com base nas edificações que compõem o processo de beneficiamento do grão. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica com base nos principais autores sobre o tema e constatou-se que embora as fazendas diferenciavam entre si, elas possuíam um caráter fabril relacionado à produção cafeeira.

Palavras-chave: Arquitetura e urbanismo; patrimônio cultural; patrimônio rural; fazendas cafeeiras.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

THE BRAZILIAN COFFEE FARMS, A TYPOLOGICAL RESEARCH

Abstract: Coffee farms, mainly in the Southeast, had a unique typology, focused on the processing of the grain. Its complex is similar to a factory complex in which the buildings that make up the farm are part of a productive tangle that guarantee the processing and commercialization of the grain. Thus, the objective of this work is to present a typological study of coffee farms, based on the buildings that make up the grain processing process. For this, a bibliographic review was carried out based on the main authors on the subject and it was found that although the farms differed from each other, they had characteristics that defined them as a typology.

Keywords: Architecture; cultural heritage; rural heritage; coffee farms.

INTRODUÇÃO

O café, bebida proveniente de um fruto com origem nas altas terras da Etiópia, ficou conhecido na Europa como Vinho da Arábia. Feito a partir dos grãos torrados do cafeeiro e sendo uma bebida estimulante, é tradicionalmente consumido quente, mas pode também ser consumido gelado. Sendo apreciado a cerca de mil anos, o café é capaz de fornecer maior força e vigor, assim se tornou uma bebida indispensável no dia a dia das pessoas (SILVA; FRANKLIN, 2022).

O Brasil detém a maior produção de cafés do mundo, o país é responsável por cerca de um terço da produção mundial. A produção nacional é concentrada basicamente no sudeste do país, com exceção do Rio de Janeiro e tendo Minas Gerais como o maior produtor do país. O café ainda está presente em alguns estados como Bahia, Paraná e Rondônia. Em 2017, o país produziu 3,5 milhões de toneladas de café (FRANKLIN, 2018).

Porém, a história do café no Sudeste brasileiro decorre principalmente do final do século XIX e início do século XX, em que, com a crise da cana-de-açúcar no Nordeste e a crise aurífera na região central de Minas Gerais, foi necessário pensar em novas formas de alavancar a economia da colônia.

Os europeus buscavam um modo de cultivar a planta, porém, seu clima não era propício, então a solução encontrada era levar o café para as colônias, que possuíam climas mais tropicais (SILVA; FRANKLIN, 2022).

Em 1727, o grão chega ao Brasil, entrando pelo norte do país.

A planta entrou no Brasil pela cidade de Belém do Pará. Devido às condições favoráveis climáticas do Brasil para o cultivo da planta, o cultivo se dispersou rapidamente pelos Estados do Pará, Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais. A produção do café no Brasil se firmou com os proprietários das grandes fazendas aproveitando-se dos escravos, fazendo que seus lucros fossem altos gerando uma grande fortuna. Devido à plantação do café a economia do Brasil deu um salto enorme, proporcionando vários investimentos em infraestrutura para o país como a estrada de ferro para o porto de Santos. (RODRIGUES et al; 2015, p. 32)

O café, desde então, mantém-se firme como um dos principais produtos da matriz agrícola do país, enfrentando crises como a de 1929, em que o seu excedente precisou ser queimado para regulação de preços.

O grão se expandiu para Minas Gerais a partir de 1807, na região principalmente da Zona da Mata Mineira, onde encontrou um clima mais ameno e uma altitude mais elevada (da Serra do Caparaó), onde começou a produção do café de altitude, um produto com mais qualidade que café tradicional (SILVA; FRANKLIN, 2022).

Quando o grão chega aos estados do Sudeste, muitas das construções já existiam e eram utilizadas para outros fins, logo, foi necessária uma adaptação de sua arquitetura para a nova produção.

Portanto, o objetivo desse trabalho é apresentar um estudo tipológico da arquitetura das fazendas cafeeiras do Sudeste. Este estudo se justifica devido à importância do café na economia brasileira e na economia regional de Manhuaçu.

METODOLOGIA

O trabalho possui caráter descritivo e utilizando-se de um método bibliográfico monográfico, faz um apanhado sobre as principais características das fazendas cafeeiras nos séculos XIX e XX no Sudeste mineiro com base nos principais autores sobre o tema, utilizando-se de artigos, livros e teses.

O CAFÉ ENQUANTO ARQUITETURA: AS FAZENDAS CAFEIEIRAS

Ao se tratar de arquitetura rural e espaço não-urbano, o patrimônio rural é um dos tópicos de destaque nesse tema, visto que, a tradição de se preservar nesse meio é típica e não passa necessariamente por conceitos. Define-se como patrimônio rural:

O patrimônio cultural rural: elementos arquitetônicos e agroecológicos componentes do fabuloso patrimônio cultural existente no meio rural, tais como antigos casarões e senzalas, colônias e casas de trabalhadores dispersas construídas com técnicas tradicionais da arquitetura rural ou com materiais e técnicas alternativas de construção, toda a arquitetura vernacular que possa estar presente no espaço rural, antigas capelas rurais, antigos engenhos e casas de máquinas, o próprio maquinário desativado, antigos equipamentos de produção de energia (monjolo, rodas d'água, etc.), estruturas desativadas (como pontes, diques e barragens), o espaço físico destinado às manifestações culturais locais (praças, terreiros, largos, vilarejos, etc.), enfim, todo o ambiente construído que conforma o imenso patrimônio cultural rural; (FERRÃO, 2007, p. 121)

Mesmo com esse reconhecimento enquanto patrimônio, os conjuntos de fazenda, por um período grande de tempo, foram, segundo Barros (2013), banalizados. Com isso, grande parte desses conjuntos foi perdida, sobrando na maioria dos casos somente a edificação principal, ou casarão:

Mas logo sobrevém certa desolação ao verificar estarem elas isoladas na paisagem, desprovidas do vasto conjunto de instalações que as compunha. Dificilmente o observador será capaz de fazer ideia do movimento e da atividade que assistiram. Uma sucessão contínua de casas formando pátios, com instalações de beneficiamento, engenho, moinho, tulha, oficinas do ferreiro e do carapina, senzala, enfermaria, casa do administrador, rancho, venda, pouso; e gente, muita gente. (CARRILHO, 2006, p. 59)

A arquitetura das fazendas cafeeiras era composta por um conjunto de edificações destinadas a diversas atividades complementares ou suplementares àquelas intrínsecas ao processo de produção agrícola ou industrial do café. Em torno da casa grande situavam-se as casas do administrador, do escrivão, chaveiro e eventualmente dos tropeiros (os mensageiros da época).

Em geral havia ainda uma marcenaria, a tenda do ferreiro, as tulhas, despensas e paióis, mais os quartos dos arreios e seleiro. Edifícios destinados a abrigar atividades ligadas à saúde ou à

manutenção da saúde do pessoal livre e escravo também compunham o conjunto arquitetônico da fazenda: uma enfermaria, a cozinha dos escravos e outros prédios construídos com o mesmo enfoque. Quanto aos edifícios destinados à produção, havia os engenhos de café e açúcar, o alambique, o moinho, as “fábricas” de farinha e canjica, e as “salas” de algodão, velas, azeite, sabão, e outras “indústrias rurais” subsidiárias.

Os terreiros de café podem ser considerados o principal elemento arquitetônico de uma fazenda de café. No período eram construídos bem à frente da casa grande, e era ali onde se iniciavam as operações de beneficiamento do café. Das janelas de sua casa, o fazendeiro podia acompanhar a movimentação do complexo produtivo. Para além do terreiro locava-se a senzala, constituída por um grupo de habitações, destinada a abrigar escravos, geralmente dispostas em quadrado, a que só havia acesso por uma porta, ou possuía um formato linear.

Ou seja, o conjunto de uma fazenda era composto por várias edificações e espaços, necessários para o funcionamento da produção, que começava na colheita do café, passava pela distribuição nos terreiros até a secagem, retirada da casca, torrefação, moagem e envio por trem para venda.

Não há uma forma de distribuição única dessas fazendas, possuindo variadas formas, materiais de construção, implantação etc, porém, ao analisar o conjunto, é perceptível que há uma espécie de tipologia com base nos processos de colheita, secagem, beneficiamento, ensacamento e venda do grão. Portanto, nesse trabalho, resumir-se-á aos espaços da fazenda cafeeira com base em sua produção.

A IMPLANTAÇÃO E AS LAVOURAS DA FAZENDA CAFEIEIRA

A base da implantação de uma fazenda cafeeira vem do período econômico do açúcar, em que também havia uma produção rural e um beneficiamento de um produto, isso pode ser chamado de memória para o cultivo do café e que viriam a suprir a falta de intimidade do agricultor brasileiro com o grão e com as instalações necessárias ao seu beneficiamento (BENINCASA, 2007).

Surgiram recomendações que acabaram sendo adotadas no início do século XIX e que se mantiveram no século XX e até mesmo nas propriedades produtoras do século XXI, tais como: reservar terras de mata coberta na fazenda para rotatividade da produção e o assentamento das casas do fazendeiro nas porções mais altas do terreno, para que dali fosse possível observar todo o processo produtivo e controle das atividades; nivelamento do terreno em platôs; construções de plataformas com cortes e aterros, caso o terreno fosse inclinado; cálculo do tamanho das edificações e levando em conta a insolação do terreiro e a presença de água (BENINCASA, 2007).

Nas figuras 01 e 02 a seguir, é possível ver algumas representações de implantações de fazendas cafeeiras em que não só a melhor organização das atividades da propriedade agrícola estava em jogo nas propostas de implantação dos edifícios, mas também uma representação simbólica do poder, com destaque para o casarão, a residência do fazendeiro.

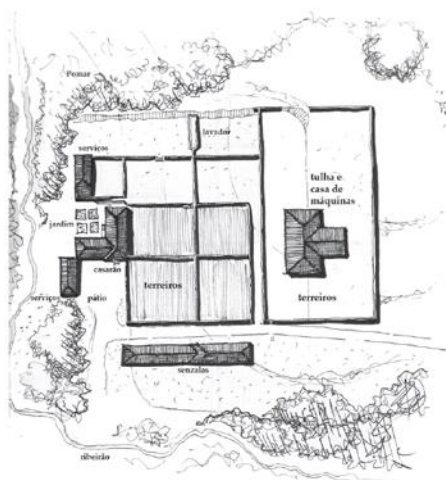


Figura 1 – Representação de implantação de Fazenda Cafeeira. (Fonte: BENINCASA, 2007)

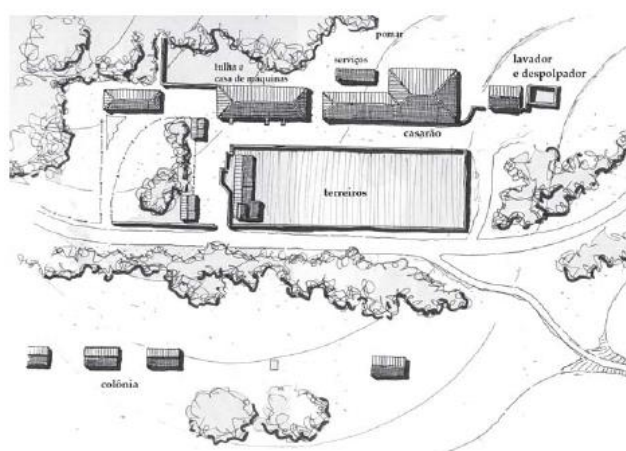


Figura 2 – Representação de implantação de Fazenda Cafeeira. (Fonte: BENINCASA, 2007)

Também buscava-se instalar esse núcleo de trabalho próximo a um manancial de água, já que esta era a força motriz utilizada para mover a maquinaria de produção.

As plantações, terreiros, construções de apoio e manancial de água, eram dispostos de forma equidistante ao casarão, já que através dele conseguia-se ter uma noção e visão de todo o processo:

Nesses casos, a simetria, as visuais e o foco estão muito bem dirigidos e equilibrados, efeito conseguido com uma harmônica distribuição de volumes pelo terreno, seja ele plano ou patamarizado, indicando uma organização espacial hierárquica rígida e intencional. (BENINCASA, 2007, p. 49)

Os terrenos em aclave também eram considerados mais adequados, para que a água pudesse chegar por gravidade a todos os locais, também evitando problemas com a chuva, possuindo sistemas de escoamento paralelos às estradas que cortavam a propriedade.

Com relação às lavouras, os fazendeiros não empregavam o plantio em curvas de nível. Os cafeeiros eram plantados em fileiras perpendiculares às encostas, em linha reta. A topografia acidentada e a destruição da mata, deixando o solo desprotegido, contribuíram para o surgimento e agravamento de um processo erosivo nesses locais, o que necessitava da rotatividade do solo, citada acima. Após a colheita, o café normalmente era disposto nos terreiros, para secagem do grão (BENINCASA, 2007).

O “CORAÇÃO” DAS FAZENDAS CAFEIEIRAS: O TERREIRO DE CAFÉ

O terreiro de café é o centro de um conjunto cafeeiro. É o local de secagem do grão ao sol.

Quando se pensava em implantar em um determinado sítio o conjunto da Fazenda, era a primeira parte a ser pensada, de forma a receber insolação a maior parte do dia e evitar também a menor quantidade de sombras, já que, graças ao orvalho da manhã, o café amanhecia úmido e se essa água não secasse rapidamente no início do dia, o produto acidificava e perdia em qualidade.

Seu dimensionamento era pensado também na produção daquela fazenda por dia em área (de um quadrado) multiplicado pelo número de dias que o café necessitava para secar e então ir para o paiol.

Depois de lavado, o café ia para o terreiro para secar, e este era um dos processos mais importantes, do qual dependeria, em boa parte, a qualidade do produto final. O café era espalhado sobre os terreiros em camada de oito centímetros mais ou menos, remexido com um rodo de madeira durante todo o dia e reunido em pequenos montes cobertos, para passar a noite livre do orvalho ou de chuvas imprevisíveis. No dia seguinte, o processo se repetia estendendo-se por quase trinta dias, de acordo com o clima. (NOVAES, s/d, p. 4)

Estes terreiros inicialmente eram feitos de terra batida, o que dificultava a secagem do grão e as perdas eram grandes, além de dispendiosos. O café é colhido entre os meses de março à agosto, logo, o restante do ano, os terreiros costumavam ficar sem um uso contínuo, com isso, nasciam folhas e eram enlameados pelas chuvas, necessitando sua reconstrução todos anos.

Com isso então, passa-se a construí-los de pedra ou blocos,

Com a crescente produção de café, este técnica tornou-se inviável (embora continuasse sendo utilizada para a produção excedente), surgiram então os terreiros calçados de pedra. Estes, bem mais eficientes e permanentes, exigiam uma técnica muito difícil e dispendiosa na sua feitura. Consistia na preparação de bloco de pedra, geralmente de granito, que era aquecido por fogueira e, em seguida, depois de muito quente, derramava-se água fria sobre, assim a pedra era partida. Depois de um polimento manual para aparelhar a superfície da laje, era colocada em fôrma quebra-cabeça no terreiro preparado. Entre as lajes, era feito um rejunte à base de cal. (NOVAES, s/d, p. 4)

Também vale ressaltar que o terreiro devia possuir uma inclinação suficiente para escorrer as águas mas para que ao mesmo tempo os grãos não rolassem na chuva, cercado também de muretas para que enxurradas fortes não lavassem os terreiros e perdessem a produção.

A partir da segunda metade do século XX, a arquitetura do núcleo industrial das fazendas passa a obedecer a parâmetros técnicos, estabelecidos criteriosamente por engenheiros especializados em construções rurais.

A subdivisão do terreiro em quadras, ou tabuleiros, facilita a secagem de diferentes lotes de café, segundo a origem, o teor de umidade e qualidade, além de prevenir um eventual arrastamento pelas águas de chuva, constituindo um dos fatores marcantes da arquitetura das grandes fazendas de café.

Devem-se construir muretas no perímetro do terreiro, com 20cm a 40cm de altura por 10cm a 15cm de largura (BENINCASA, 2007).

Juntamente com os terreiros, eram construídos acessórios destinados aos preparo dos grãos, como lavadores, canais condutores para o transporte dos grãos, por meio da corrente d'água, desvios controlados por compotas e moegas receptoras. O transporte do café poderia ser feito por carrinhos de mão, sobre trilhos especiais, dispostos adequadamente sobre o terreiro, ligando o conjunto "túlha-casa de máquinas".

Os grandes terreiros passam a ser compostos por vários tabuleiros retangulares agrupados, de 40m X 70m cada uma. Esses tabuleiros são separados por pequenos muros, de 30cm a 40cm de altura, em alvenaria de pedra ou tijolo, e, em terrenos de fortes declividade, são construídos em degraus, e os muros divisórios são dimensionados para funcionar como arrimos (BENINCASA, 2007).

No lado mais baixo de cada tabuleiro, junto aos muros de divisão, instalam-se ralos com grandes vãos estreitos, em número suficiente para o escoamento da água das chuvas. O café chega aos diversos tabuleiros levados por correntes d'água, em canais de alvenaria ou de madeira com declividade 2% a 5% (BENINCASA, 2007).

Outro elemento importante na tipologia das fazendas cafeeiras era a casa grande, ou como ficou conhecido no Sudeste, o casarão.

O "OLHO" DA PRODUÇÃO: O CASARÃO

A edificação rural passa por três fases de estilo arquitetônico: a primeira fase retrata as edificações coloniais – construções mais simples, pequenas e sem adornos -, a segunda fase, quando o café já estava em um momento de forte ascensão no país, percebe-se edificações maiores, com plantas em U ou em L e com um caráter já neoclássico. Por fim, no final do período cafeeiro, identifica-se edificações ecléticas (Figura 3).

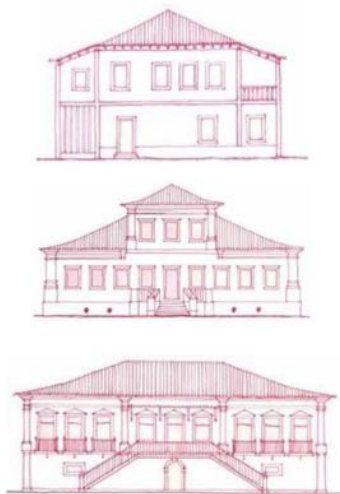


Figura 1 – Fachada colonial, neoclássica e eclética das fazendas cafeeiras. (Fonte: SEBRAE, 2014)

A arquitetura dos casarões de café é oriunda de Minas Gerais, expandindo-se para toda a região do ciclo do café:

Trata-se de uma arquitetura singular introduzida pelos colonizadores da região, oriundos de Minas Gerais, que trouxeram a experiência urbana de habitar - "Em diferentes situações topográficas, climáticas e programáticas esses homens deram uma nova interpretação espacial às soluções arquitetônicas mineiras até então praticadas e absorvidas. (SEBRAE [org], 2014, s/p)

Porém, não é válido generalizar essas soluções, principalmente as de caráter ligado aos diversos métodos construtivos de vedação: pau a pique, adobe, taipa de pilão, taipa de mão ou alvenaria de pedra. Já a estrutura viga-pilar utilizada comumente era de madeira:

Na maioria absoluta das vezes são de pau-a-pique, sobre baldrame de madeira ou pedra, dando à construção um ritmo bem marcado pelos pilares que fazem as vezes de

cunhais nas construções mais elaboradas. A madeira, quando aparente, seja nos pilares seja no enquadramento das esquadrias, ou nelas próprias, é pintada de cores fortes contrapostas às paredes, salvo raras exceções brancas. Os telhados com suas grandes tesouras, assentam-se majestosamente sobre as paredes formando acentuados beirais. As platibandas são raríssimas. (LEMOS, 1978, p. 28)

Esta edificação principal possuía um ou dois pavimentos, sendo as assobradadas mais comuns, sendo o segundo pavimento o local de moradia, enquanto que o térreo era utilizado para atividades ligadas à produção e armazenagem do café. Isto ocorria para que o piso não possuísse contato direto com a umidade.

A parte social, onde se recebia os visitantes, era sempre voltada à entrada principal, comumente uma escadaria que terminava em varanda ou alpendre. Os quartos eram voltados ao fundo, por grande corredor, tendo espaços determinados por sexo: os quartos das moças e o quarto dos rapazes. O mobiliário de toda a residência era simples, com muitos espaços vazios, possuindo somente o essencial para atividades como comer, receber visitantes e dormir, já que a maior parte da vida nesses locais era externa.

Quanto a volumetria, comumente simples, com plantas retangulares em fazendas menores e em “L” ou em “U” em edificações maiores, com aspecto sóbrio: prismas com grandes panos de telhado, que aparece invariavelmente utilizando da telha capa e canal.

O madeiramento do telhado, quase sempre superdimensionado, era composto pelas empenas, o tensor, as asnas, as escoras e a cumeeira. Sobre essa estrutura básica eram colocados os caibros e as ripas. Um detalhe muito usado era o galbo do contrafeito, que proporcionava aos telhados um deslocamento curvo do pano do telhado próximo ao beiral, fazendo com que as águas da chuva fossem lançadas o mais longe possível das paredes. Além desse aspecto técnico, o efeito estético é extremamente agradável. (BENINCASA, 2007, p. 215)

As paredes externas, comumente caiadas em branco com janelas e portas de cores contrastantes como o verde, o vinho ou o azul, marcando ritmo e simetria:

Nas fachadas, é raro encontrar alpendres percorrendo toda a sua extensão. A existência desse tipo de alpendre leva sempre à suposição de um acréscimo posterior à construção da casa. São mais comuns, quando existem, os pequenos alpendres cobrindo apenas a porta principal - ou no máximo a porta e algumas janelas laterais - ao qual se tem acesso por escadas de pedras, com desenhos variados. Também praticamente não há ornamentos, que se limitam, quando ocorrem, a cimbalhas e cunhais um pouco mais elaborados, uma ou outra bandeira de porta ou guilhotina de janela com desenhos decorativos, um medalhão, com a data ou iniciais, sobre a porta principal. (BENINCASA, 2007, p. 216)

Vale ressaltar que essas características aplicam as edificações coloniais. Com a ascensão do ciclo cafeeiro e as construções neoclássicas e ecléticas, o quadro modifica-se: as casas passam a possuir mobiliário quase sempre vindo da Europa, forro, acabamentos, ornamentos, janelas com caixilhos e envidraçadas, alpendres que circundavam a edificação e um número maior de cômodos.

Era comum o casarão ficar em posição central no terreno, com aberturas em forma de janelas para todos os lados ou que possuísse varandas, permitindo que dali, o proprietário pudesse enxergar toda a produção e as outras edificações.

O COMPLEXO PRODUTIVO DO CAFÉ ALÉM DO TERREIRO E DO CASARÃO

O café depois de seco, era depositado em tulhas, emento característico das fazendas cafeeiras, principalmente quando a produção passa a ser de forma industrial. No entanto, a falta de maiores cuidados com a construção das tulhas podia acarretar uma série de prejuízos.

Recomendava-se instalar as tulhas em prédios bem cobertos, revestidos internamente por tábuas e hermeticamente fechados, com tetos independentes e bem inclinados, para o rápido escoamento das águas de chuva, evitando goteiras. O tabuado do teto, bem unido, com encaixe “macho e fêmea”, devia ser total ou parcialmente impermeabilizado, ao menos nas juntas, para prevenir a infiltração de umidade. O piso deveria ser elevado para evitar contato com o solo (BENINCASA, 2007).

Outas técnicas de impermeabilização podiam ser utilizadas. Importante destacar que a umidade é prejudicial ao café armazenado na tulha e, portanto, esse local destinado a armazenagem do grão é tão importante para a arquitetura, devia ser absolutamente protegido e adequado à sua função.

A entrada do café vindo dos terreiros para as tulhas, em geral, se fazia por cima, com auxílio de vagonetes, cujos trilhos eram montados sobre um viaduto, em nível ou rampa suave. Por isso as tulhas eram construídas em nível inferior ao dos terreiros. E seu telhado tinha, na parte central, uma abertura em forma de chalé, no sótão, por onde entravam os vagonetes (BENINCASA, 2007).

Um mesmo edifício poderia abrigar um conjunto de várias tulhas. Nesse caso, seu projeto deveria considerara a resistência suficiente. Para suportar a pressão exercida pelos grãos, quando uma ou todas as tulhas estivessem completamente cheias, e também a possibilidade do armazenamento de lotes diferentes de café, bem como a facilidade de carga e descarga.

Quando tulhas e máquinas de beneficiar estivessem abrigadas no mesmo prédio, o projeto deveria permitir a alimentação das máquinas a partir das tulhas, por gravidade (BENINCASA, 2007). O engenho, uma edificação similar as tulhas, podendo ou não estar anexo aos mesmos, porém, sem vedações ou com meia-paredes, sem varandas e com piso de terra batida ou com cimento grosso.

É nele que se beneficiava o café para venda, realizando o processo de retirada da casca, a torrefação e a moagem, como também os outros grãos para subsistência interna.

Era onde se localizavam os maquinários, podendo ser movidos por força de tração animal ou força da água.

É nessa etapa que se garantia a qualidade do café:

A eficiência do processo de beneficiamento garantia a qualidade do produto final. Quanto melhor fossem as instalações e o maquinário, melhores os preços obtidos no mercado. Aliás, em artigos do século XIX, a qualidade do café brasileiro, no que concerne aos frutos e à produtividade, foi sempre muito exaltada. O beneficiamento, no entanto, deixava a desejar, na maioria das fazendas, gerando um produto inferior aos de outras regiões do mundo. Somente depois de muito tempo, ao final do século XIX, os cafés brasileiros começaram a atingir, ao final do beneficiamento, um nível superior. (BENINCASA, 2007)

Grande parte do ciclo cafeeiro no Brasil ocorreu após a abolição da escravidão, porém, algumas edificações ainda possuíam as senzalas.

O LADO ESQUECIDO DA HISTÓRIA: SENZALAS

A senzala era a edificação em que os escravos “habitavam”. Calculava-se a média que cada escravo cuidava de 3500 pés de café.

Em conjuntos menores, a senzala podia estar integrada na parte baixa do casarão, ocupando parte do térreo, com chão batido. Para esse caso, chamava-se senzala de dentro.

Muitas poucas construções com essa finalidade chegaram ao século XXI devido aos materiais empregados: estrutura da madeira, pau-a-pique e telhas capa e canal.

A maioria das senzalas preservadas são do século XIX, não sendo as primeiras edificações com essa finalidade.

Em algumas dessas obras, percebe-se também alguns cuidados ligados à saúde do escravo, já que um trabalhador doente só iria dar despesas para o fazendeiro:

A exemplo do modelo traçado por Laborie, Werneck aconselha a construção de varandas “de oito de largo em todo o comprimento”. Esse cuidado justifica-se em função dos requisitos de salubridade, argumentando que elas “[...] são de muita utilidade porque o preto, na visita que faz a seu parceiro, não molha os pés se está a chover; quase sempre estão eles ao pé do fogo, saem para o ar frio e chuva, constipam, e adoecem”. (CARRILHO, 2006, p. 63)

Ainda afirma Benincasa (2007, p. 72) que havia senzalas avarandadas ou com paredes para que os escravos não recebessem a friagem da manhã, além de orientação solar buscando o sol da manhã no interior, “dever-se-há deixar passagem livre ao ar, aliás deverão as portas todas ficar voltadas para Leste; ou Sul.” (CARRILHO, 2006)

CONCLUSÃO

É possível perceber que as fazendas cafeeiras tinham uma formação baseada em um complexo de produção quase fabril, que desde a implantação das edificações no terreno até o modo de construir era feito com base no pensamento produtivo do grão de café.

Para uma produção eficaz, era necessário, portanto, estudar, mesmo que de forma rudimentar, os fluxos que ocorreriam ali naquele espaço, a iluminação, para melhor posicionamento dos terreiros, os locais com menos umidade, para fixação das tulhas e paióis, onde o fluxo de água passaria, para utilizá-la como força motriz do maquinário e qual seria o local onde tudo isso pudesse ser observado, para que assentamento do casarão do fazendeiro, símbolo de seu poder dentro de seu território.

Até mesmo as senzalas, que por um grande período de tempo, foram consideradas edificações que eram locadas a esmo, percebeu-se que na realidade, havia estudos por trás de sua localização, formato, até mesmo para proteção da saúde dos escravos, afinal, infelizmente, eles eram vistos como propriedades do fazendeiro e necessitavam de um mínimo de cuidado para continuar produzindo.

Mesmo com as mudanças ao longo do século XX, principalmente, como a extinção das senzalas e as novas técnicas produtivas, é perceptível que as fazendas ainda seguem essa ótica fabril, formando assim uma tipologia das fazendas cafeeiras, principalmente no Sudeste Brasileiro.

REFERÊNCIAS

BENINCASA, Vladimir. **Fazendas paulistas**: arquitetura rural no ciclo do café. 2007. 264 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

CARRILHO, Marcos José. **Fazendas de café oitocentistas no Vale do Paraíba**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v.14, n.1, p.59-80, 2006.

FERRÃO, André Munhoz de Argollo. **Arquitetura rural e o espaço não-urbano**. Labor & engenho, Campinas, v.1, n.1, p. 89-112, 2007.

FRANKLIN, Arthur Zanuti. **Memorial do Café**: projeto de requalificação do patrimônio arquitetônico da Fazenda Elídio Sanglard em Manhumirim/MG. 2018. 81 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

LEMONS, Carlos. **Cozinhas, etc**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. 223 p.

NOVAES, Adriano. **A paisagem da fazenda cafeeira através da iconografia no século XIX**. Disponível em: < http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/25_adriano-novaes.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2017.

RODRIGUES, Helena; DIAS, Frederico; TEIXEIRA, Natália. **A origem do café no Brasil**: a semente que veio para ficar. Revista Pensar Gastronomia, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2015.

SEBRAE (.org). **Ouro café açúcar sal**: projeto inventário de bens culturais. Rio de Janeiro: SEBRAE – RJ Editora, 2004. 114 p.

SILVA, Igor David; FRANKLIN, Arthur Zanuti. A disneyficação em Manhuaçu – MG: O Castelo do Café. In: 13º Fórum Mestres e Conselheiros, 2022. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2022.